

CULTURAS INFANTIS: CONCEITOS E SIGNIFICADOS NO CAMPO DA PESQUISA E NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ângela Maria Scalabrin Coutinho
Mestra em Educação - PPGE/ UFSC
Professora no curso de Pedagogia - UNIVALI
Mesa - redonda 9 – Eixo temático 7 Educação, Infância e Juventude

Este texto propõe-se a discutir a produção cultural das crianças pequenas no interior das instituições de educação infantil, no campo da pesquisa e das práticas pedagógicas. Com esse intuito toma por base uma pesquisa¹ desenvolvida nos anos de 2000 e 2001 em uma creche pública do município de Florianópolis, com um grupo de sete meninos e nove meninas entre 1 e 3 anos de idade. Esse estudo tinha por objetivo dar visibilidade as ações criativas infantis nos momentos de educação e cuidado de sono, alimentação e higiene.

O interesse pela temática das criações culturais das crianças surgiu ainda na minha graduação no curso de Pedagogia, no qual ouvia a todo o momento que as crianças são sujeitos socioculturais, que não só consomem, mas também produzem cultura, que as infâncias são diversas, dentre outras afirmações. No entanto, não conseguia visualizar estas questões no cotidiano da educação infantil.

Durante a prática de ensino em Educação Infantil, o contato com as crianças permitiu ampliar minhas inquietações, enfim, eu iria trabalhar com crianças pequenas e ainda não sabia o que significava dizer que elas constituem-se na cultura enquanto a modificam. Então, colocou-se para mim uma primeira questão: crianças pequenas produzem culturas?

Situando o tema no campo da pesquisa

Responder a esta questão não é algo tão simples, tendo em vista que os estudos no campo da Educação que tomam as culturas infantis enquanto tema a ser abordado – não como questão central, mas como algo que constitui o viver das crianças – começam a ser desenvolvidos a partir do final da década de oitenta e início da década de noventa. As

¹ A respeito ver: Coutinho, 2002.

demais contribuições² são provenientes de campos como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia, mais especificamente a Sociologia da Infância.

Cabe salientar que os primeiros estudos específicos sobre educação infantil que se propõem considerar as relações entre as crianças como conhecimentos importantes à Pedagogia e à construção de saberes acerca da educação de 0 a 6 anos foram desenvolvidos no campo da Psicologia e, embora tivessem como referencial teórico autores desse mesmo campo e como preocupação abordar a infância como parte do desenvolvimento humano, essas pesquisas desencadearam a discussão sobre a produção cultural na infância. Elas procuraram dissertar sobre a legitimação dos conhecimentos produzidos entre as crianças e a importância de contato entre elas.

Essas indicações foram "chave" para nossas preocupações atuais, preocupações que ainda circundam a busca pelo conhecimento das culturas infantis, a princípio denominadas "conhecimentos" produzidos entre os coetâneos. A tese de doutorado de Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (1988), "Jogo de papéis: uma perspectiva para análise do desenvolvimento humano", é pioneira neste sentido. A pesquisadora elaborou uma perspectiva teórico-metodológica para investigar interações entre as crianças e entre as crianças e os adultos usando a noção de "jogo de papéis"³ como foco de análise.

Oliveira observou durante 12 meses dois grupos de crianças numa creche pública municipal de São Paulo em sessões de jogo livre, ou seja, sem qualquer interferência de adultos, com 15 minutos de duração, registrando as situações em vídeo. Gravou 17 sessões do grupo A, que compreendia 2 meninos e 3 meninas, com idade entre 21 e 23 meses, e 15 sessões do grupo B, com 6 meninos e 2 meninas com 33 a 45 meses de idade.

Ao analisar tal estudo, muitas constatações feitas por Oliveira mostram-se um tanto quanto recorrentes ainda hoje; há uma consideração sua que nos leva a observar como é recente este "novo" olhar para as crianças na educação infantil, pois para a pesquisadora, até então, a maioria dos estudos da Psicologia do Desenvolvimento preocupava-se muito

² Nesse sentido, ver: Fernandes (1961), Pereira (1997), Pinto; Sarmiento (1997), Iturra (1997).

³ A noção de jogo de papéis formulado pela pesquisadora parte de autores que compreendem que "o desenvolvimento humano não é pré-determinado geneticamente, nem resulta apenas de pressão e controle ambiental sobre o indivíduo. Antes, tal desenvolvimento é constituído no decorrer da existência graças à influência recíproca que se estabelece entre indivíduo e meio" (Oliveira, 1988, p. 11).

em acumular informações *descontextualizadas*, predominando o estudos estatísticos dos dados, sem considerar e explicitar o processo que lhes é subjacente.

Oliveira propõe em sua pesquisa, partindo de uma discussão intensa no grupo de pesquisadoras do qual faz parte, contextualizar o desenvolvimento dos indivíduos, compreendendo-o na dinâmica da própria creche e levando em conta o contexto social do qual faz parte. Nesse sentido, segundo Strenzel, ocorre no período um redimensionamento das expectativas em relação à educação da criança pequena, e a creche “é entendida como um local privilegiado para a socialização da criança, diverso do familiar” (2000, p. 54).

Ao objetivar compreender as brincadeiras das crianças e os papéis construídos por elas nas brincadeiras e nas dinâmicas de grupo, a pesquisadora enfatiza que as relações entre as crianças não estão desvinculadas do contexto, ou seja, os objetos, a rotina institucional, os adultos, tudo que se faz presente na situação é constitutivo do papel assumido e, portanto, considerado em sua pesquisa.

O grupo de pesquisadores⁴(as) do qual Oliveira faz parte tem continuado suas pesquisas na educação infantil com aporte em teorias da Psicologia, sendo um dos primeiros grupos a desenvolver pesquisas com crianças pequenas. Outras referências em estudos com crianças de 0 a 6 anos foram se constituindo na década seguinte, sendo que as próximas pesquisas que passo a apresentar são parte desse movimento de contemplação e valorização das pesquisas voltadas a esta etapa da educação.

Na década de 90, já tendo sido apontado nas pesquisas sobre Educação com aporte na Psicologia a necessidade de romper com os antigos paradigmas que predominavam nos estudos a respeito da criança entre 0 e 6 anos que tinham como sujeito uma criança padrão, dissociada do seu contexto de vida, começam a ser desenvolvidos estudos que valorizam não só a diversidade cultural, racial, religiosa, de gênero, mas que principalmente tomam a criança como um indivíduo social possuidor de direitos e produtor de cultura.

O respeito à diversidade cultural não se configura como uma idéia recente, e a recuperação dessa questão vinculada à educação da primeira infância de forma positiva pode ser observada em dois trabalhos de pesquisadoras da UNICAMP, um de doutorado, de Ana Lúcia Goulart de Faria e outro de mestrado, de Patrícia Dias Prado, sendo este

⁴ Trata-se do grupo de estudos CINDEDI - Centro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil.

último tomado neste texto como contribuição à construção de *olhares* para se conhecer as crianças.

Ana Lúcia Goulart de Faria, pesquisadora da área, tem-se ocupado em defender irrestritamente uma educação de qualidade para a infância e a ela vincula o direito à infância, às vivências diversas das crianças (principalmente o brincar) e o respeito à produção e manifestação cultural infantil.

Em sua tese de doutorado, *Educação Pré-escolar e Cultura* (Faria, 1999), a autora elege como foco um período da história da educação (assim interpretado por Faria, aliás apaixonadamente interpretado, tendo em vista que se tratava de um projeto cultural-educativo), a década de 30 e o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, que tinha na ocasião Mário de Andrade como diretor. Mais especificamente, focaliza os Parques Infantis, espaços de cuidado, educação e recreação de crianças entre 3 e 12 anos, com uso em período integral para os que não tinham idade escolar e em período oposto ao da escola para os que a freqüentavam.

Faria define como tema de seu trabalho o intelectual - Mário de Andrade - a política - administração pública - e a criança - parques infantis. A partir de um estudo profundo, através de documentos, textos literários e cartas, busca demonstrar a herança deixada por MA, uma educação baseada na cultura e voltada para a criança operária dos anos 30. Assim o lema dos PIs, "educar, assistir e recrear", segundo a autora, pode ser visto "como uma pedagogia que assegurava o direito da criança ser criança, levando em conta todas as dimensões humanas - física, intelectual, cultural, lúdica, artística, etc." (Faria, 1999, p. 34).

O estudo desenvolvido por Faria tem fundamental importância na definição do que sejam as culturas infantis, bem como, possibilita que se visualize um trabalho que na década de 30 tomava como ponto de partida as culturas das crianças, ou seja, indica que embora se busque hoje, conhecer e compreender a criança enquanto criadora de cultura, nos Parques Infantis este movimento já estava presente.

Se a faixa etária das crianças que freqüentavam os PIs possibilitava que mediante as suas falas e os seus desenhos se captasse informações acerca do seu viver, como promover o encontro entre o que as crianças pensam, desejam, criam, e a expectativa dos

adultos em conhecê-las, quando se tratam de crianças bem pequenininhas? Como conhecê-las se elas ainda não utilizam a linguagem oral como principal forma de expressão?

Conhecendo as crianças bem pequenas e as suas culturas

Alguns indicativos da construção de procedimentos metodológicos que possibilitem conhecer as crianças bem pequenas⁵ e as suas criações e manifestações culturais podem ser encontrados na pesquisa de Prado, citada a pouco. Seu estudo, intitulado *Educação e Cultura Infantil Em Creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI⁶ de Campinas/ SP*, tinha por objetivo compreender os encontros e desencontros do mundo da infância no âmbito da educação e da cultura através da análise das brincadeiras, tentando explicitar as diferentes concepções do brincar dentro da faixa etária de 0 a 3 anos.

Ao “mergulhar” nesse estudo, a autora deparou-se com a pouca e recente produção acerca da Educação Infantil, principalmente daquela voltada para a criança pequeninha (0 a 3 anos)⁷, o que, para ela, evidencia que pouco se sabe sobre as manifestações culturais dessa criança. Na procura pelo entendimento de como meninas e meninos vivem suas infâncias e usufruem o espaço das instituições voltadas para sua educação e cuidado, deparou-se com várias discussões no campo das ciências sociais, especificamente na Antropologia, com um olhar de infância, compreendendo-a como “um sistema de regras e, enquanto fatos sociais e históricos que assumem a imagem, o sentido que cada sociedade lhes atribui” (Prado, 1997, p.15).

Para conhecer as crianças, as suas manifestações culturais nos momentos de brincadeiras, a pesquisadora utilizou enquanto procedimento metodológico

⁵ Ao utilizar o termo *crianças pequenas*, estarei me referindo a toda a faixa etária da educação infantil, ou seja, 0 a 6 anos. Para falar das crianças que possuem idade entre 0 a 3 anos utilizarei o termo *crianças bem pequenas*.

⁶ CEMEIS - Centros Municipais de Educação Infantil para crianças de 0 a 6 anos, em período integral e EMEIS- Escolas Municipais de Educação Infantil, para crianças de 4 a 6 anos, na sua maioria em período parcial.

⁷ Esta produção foi levantada e analisada por Strenzel (2000).

(...) a observação⁸ no cotidiano de creche, da chegada à saída das crianças, procurando conhecer o seu dia-a-dia, identificar as atividades desenvolvidas por elas, e as suas brincadeiras, em especial. Para isso, numa condução metodológica definida sob os parâmetros da Antropologia e através do estudo de tipo etnográfico, busquei compreender estes e outros fenômenos educativos a partir da cultura em que a creche passa a ser concebida, portanto, como espaço de cultura e educação infantil (Ibidem, p.28).

Ao apontar a Antropologia como campo de referência metodológica e ressaltar que realizou observações seguindo os preceitos de tal disciplina, Prado indica a necessidade da proximidade aos sujeitos investigados. Nesse sentido, a permanência no campo e a *descrição densa*⁹ dos fatos observados colocam-se como questões indispensáveis à construção de um campo de conhecimentos acerca das crianças e das suas infâncias nos espaços educativos institucionalizados.

Esta defesa pauta-se, para além dos indicativos da pesquisadora acima mencionada e de outros estudos que tiveram como foco a criança¹⁰, na minha experiência na construção de *olhares* que possibilitassem observar as crianças, sendo os momentos elegidos os de educação e cuidado mais voltados para o corpo, buscando perceber o que elas criam nestas situações.

Assim, permaneci no campo de pesquisa em contato com as mesmas crianças durante dez meses¹¹, utilizando como procedimento metodológico a observação participante com registros escritos, em vídeo e fotográficos. Oliveira (2001) pondera que, se há cem modos de ser criança, deve haver diversas formas de conhecê-la. Considerando que ser criança implica ações que são próprias dos seus saberes, o conhecimento destes exige, então olhares múltiplos, que possibilitem ao adulto que a observa a contemplação de suas diversas formas de manifestação.

Tendo em vista que as observações possibilitaram que percebesse que o que se vê é diferente do que se observa com método e sistematicidade, passo a apresentar as

⁸ Observação do tipo participante, nos diversos espaços e situações.

⁹ A respeito ver Geertz (1989).

¹⁰ Tais como: Fernandes (1961), Silva (2000), Quinteiro (2000) e Oliveira (2001).

¹¹ Sendo que os quatro primeiros meses foram no ano de 2000 e os seis últimos em 2001. Assim, as crianças encontravam-se em turmas distintas nos dois períodos: primeiramente no berçário e em seguida no maternal. Embora as turmas (em termos de denominação e de profissionais responsáveis por elas) não fossem as mesmas, as crianças que os constituíam permaneceram nos dois períodos observados.

vivências infantis registradas no espaço da creche, no sentido de retomar a questão exposta inicialmente: crianças pequenas produzem culturas?

Criações e manifestações culturais das crianças pequenas no cotidiano da Educação Infantil

A opção pelo termo criação e não produção, após ter desenvolvido a pesquisa, não é mera preferência semântica, mas apresenta a intencionalidade em legitimar a criança enquanto sujeito criativo¹², pois como afirma Ostrower, "nas crianças, a criatividade se manifesta em todo o seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver para a criança" (1987, p. 127). Como expressa a cena a seguir:

13h20min - As crianças estão acordando e está tocando um CD com músicas infantis. Ana, Thaís, Nicole e Lara estão sobre os colchões, já acordadas. Ana e Thaís têm no colo, cada uma, uma boneca e uma garrafa de refrigerante, que na verdade é utilizada como móbile (presa ao teto com elástico), com um líquido colorido e brilhante, efeito proporcionado pelo *gliter*. Thaís levanta-se do colchão e diz: "Tchau! Vou trabalhar, crianças". Ana, à frente de Thaís e caminhando em direção à porta, fala: "Vou trabalhar". Em seguida, Thaís olha para a câmera de vídeo e fala: "Eu vou trabalhar, tia". Então a pesquisadora lhe diz: "É"? Ana chama a atenção da pesquisadora e de Thaís, dizendo: "Ó, tia! Estou aqui", equilibrando-se sob a mesa que fica encostada na parede ao lado da porta da sala. Ela pega sua garrafa e sai de baixo da mesa. Thaís posiciona a garrafa como se estivesse bebendo o líquido, encostando a tampa na boca. Em seguida ela diz: "Vou tomar água. Sede. Diferente¹³". Ana faz o mesmo movimento com a garrafa. Thaís novamente encosta a garrafa na boca, levanta a cabeça e ao final enuncia: "Ah"!, demonstrando satisfação. No ritmo da música que toca ao fundo, ela faz movimentos com o corpo e com a garrafa, convidando a colega: "Vamos dançar, Ana"? Após o convite elas já saem caminhando sobre os colchões, vão até a frente do espelho e lá se sentam, conversam e cuidam das bonecas. Olhando para o espelho, elas continuam a fazer de conta que estão bebendo, Thaís oferece um pouco da sua garrafa para Ana. Elas deixam as bonecas e vão até a ponta dos colchões, próximo às mesas, com as garrafas nas mãos, param, fazem de conta que estão bebendo. Ana joga sua garrafa no colchão e sai

¹² Sobre a utilização do termo criação, em relação às culturas infantis, é indicado a leitura do artigo de Corsaro – "A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças" –, no qual o autor defende que a apropriação que as crianças fazem dos elementos disponibilizados pelos adultos e na relação entre os pares "é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta (2001, p. 114).

¹³ Referindo-se ao refrigerante.

correndo. Joyce a pega. Thaís fala: “Estou tomando “coquinha”, tia. Ó, tia! Estou tomando “coquinha”. Ó, tia”? Ela não recebe resposta dos adultos, que nesse momento são a pesquisadora e a professora. Ela então se aproxima da pesquisadora e diz, em baixo tom de voz: “Estou tomando coquinha”. A pesquisadora lhe pergunta: “Está gostosa? ” Ela responde afirmativamente, movimentando a cabeça (Registro em vídeo, 03/07/2001, maternal I).

As manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças. Suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas. Na cena acima descrita a utilização dos referenciais cedidos pelos adultos é constante. A princípio as meninas brincam como se fossem mães que saem de casa para trabalhar, nos braços levam consigo seus bebês, que, aliás, permanecem com elas até que andem sobre os colchões e sentem-se em frente ao espelho, que lhes parece um local apropriado para deitá-los.

A representação de cenas do cotidiano lhes possibilita atuar de forma mais elaborada, pois há detalhes riquíssimos, como a fala de quem está saindo para trabalhar e se despede das crianças ou a expressão de satisfação e prazer por ter tomado um refrigerante, amplamente explorada nos comerciais de televisão. Esses conhecimentos produzidos socialmente são reelaborados pelas crianças em suas vivências, elas recriam situações já presenciadas e *criam*, assim, uma cultura infantil, pois, como afirmam Pinto e Sarmiento, pesquisadores portugueses que estudam as crianças e as suas infâncias: “As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado - pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável - nem lhes é alheia a flexibilidade social global”(1997, p.22).

Quanto ao contexto mais amplo de produção cultural, acredito ser relevante que se explicita em que conceito de cultura se pauta minha argumentação, já que as culturas infantis estão atreladas a esse contexto. Nesse sentido, abordo o conceito de cultura compreendendo que ele tem sido o principal objeto de pesquisa da Antropologia, colocando-se como um conceito articulador. Baseada nas contribuições deste campo, compreendo a cultura a partir da semiótica, que tem como um de seus principais precursores Clifford Geertz. Este autor conceitua a cultura partindo do pressuposto que "(...) o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu" e continua: "assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma

ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado" (Geertz, 1989, p. 15).

Apesar de complexa, mas não pouco citada, essa conceitualização de Geertz consegue expressar o que há de mais relevante nos estudos culturais: a cultura como sistemas simbólicos. Para Geertz, a principal característica da cultura é a construção de sentidos e significados acerca das coisas, fazendo assim com que idéias e conceitos sejam partilhados e gestados historicamente. A cultura, sob esta ótica, assumiria diferentes configurações, dependendo do contexto em que está inserida, já que nem todo significado é partilhado por todos.

Dito isto, faz-se necessária uma reflexão: se existe um conceito de cultura amplo, porque então falar em culturas infantis? Não se estaria categorizando as culturas? Acredito que demarcar que existem culturas infantis tem uma finalidade, que é de chamar a atenção para o que constitui as infâncias, o que as crianças fazem e criam quando estão juntas. Assim, não é pretensão separar a cultura das crianças da cultura existente, mas especificar o que está presente na relação entre elas que as diferencia das demais idades, já que

as culturas da infância, vivem do vai-vém das suas próprias representações do mundo geradas nas interações entre os pares, nos jogos e brincadeiras e no uso das suas próprias capacidades expressivas (verbais, gestuais, iconográficas, plásticas), nas condições biopsicológicas em que as crianças vivem – com a cultura dos adultos, transmitidas através das suas instituições de veiculação e reprodução cultural, e disseminadas, quer sob forma de produtos culturais para a infância, quer sob forma de conteúdos culturais das comunidades de pertença das crianças. As "duas culturas" (Corsaro, 1997: 26) - a especificamente infantil e a da sociedade – que se conjugam na construção das culturas da infância, na variedade, pluralidade e até contradição que internamente enformam uma e outra, referenciam o mundo de vida das crianças e enquadram a sua ação concreta (IEC; NEE0a6, 2002, p. 13).

Esse encontro de culturas, que oferece elementos para a *criação* de pares, fica explícito na cena apresentada, as meninas representam cenas e falas que são disponibilizadas para elas no cotidiano das relações. No entanto, essa criação é limitada, pelo ambiente, pelos materiais, pelos referenciais, desta forma o papel dos profissionais

localiza-se nesta ponto: ampliar¹⁴ as possibilidades das criações das crianças. Pensar espaços, materiais, novos enredos, enfim criar possibilidades de ampliação dos repertórios culturais infantis.

Mas, há de se considerar que não há uma única criação a ser ampliada, porque embora se tenha características comuns nas culturas infantis, características próprias da infância, também existem elementos específicos: como a etnia das crianças, o gênero, o contexto social em que vivem, a crença religiosa que possuem, ou seja, assim como há diferentes infâncias, também constituem-se diferentes culturas da infância.

Portanto, tem-se um desafio: como trabalhar a diversidade num espaço único de educação e cuidado como a creche? Como respeitar a diversidade com horários e situações únicas para as crianças? É necessário que se pesquise as práticas pedagógicas aliadas às vivências infantis, que se conheça primeiramente as crianças, para as quais estão sendo pensados os serviços prestados pelas instituições de educação infantil, para então se propor uma educação condizente com as especificidades dos sujeitos em questão.

Sujeitos estes que criam culturas, que são, como já foi indicado, reproduções, interpretações, ressignificações de vivências culturais mais amplas. Mas, então o que diferencia as culturas infantis das culturas produzidas na sociedade? De acordo com Pinto e Sarmiento, o que caracteriza as culturas das crianças é a relação sempre presente entre a *fantasia e a realidade*, entre o possível e o impossível, entre o presente e o imaginário. Para as crianças a realidade é fantasiosa. Não que esta dimensão não esteja presente nos adultos, no entanto, para estes o imaginário e a fantasia não são dimensões centrais, não estão presentes em todas as situações do seu viver, como estão para as crianças.

As culturas da sociedade primam, então, por significações mais lógicas, não tão centradas no imaginário, no fantasioso. Já as culturas infantis constituem-se na relação entre o real e o fantasioso. Daí a necessidade dos adultos procurarem conhecer e se aproximarem ao máximo das culturas das crianças, perceber que elementos constituem as suas criações; quando elas fantasiam que enredos constroem:

11:28- Natanael levanta do colchão e vai ao banheiro. A professora pergunta: "Natanael, vai aonde"? E ele diz: "No banheiro" (ele já está no banheiro). Ela continua: "Então, anda"! 11:30- Larissa pede para ir ao banheiro e a professora lhe responde:

¹⁴ Ampliar no sentido de possibilitar vivências diversas e não em considerar as criações das crianças como "inferiores" as dos adultos.

"O Natanael está no banheiro". Ainda assim ela vai. Natanel vai até a porta do banheiro com a calça abaixada e a professora lhe diz: "Deixa ela fazer xixi também", referindo-se a Larissa, que entra no banheiro e também abaixa a calça. Os dois ficam em pé em frente ao sanitário, conversando. Natanael lhe diz algo (não foi possível compreender) e ela pergunta: "Xixi"? Natanael responde: "É". Os dois olham dentro do sanitário. Ele fala algo para Larissa (não compreensível), em seguida levanta o indicador (como se estivesse dando ordens) e diz: "Natanael, não mexe!" Larissa apenas o observa. Natanael aponta para a banheira (à direita do sanitário), que está cheia de embalagens plásticas e caixas, e diz: " Oh! Ali tem". Larissa complementa: " Bicho, bicho!" Ela está com a chupeta na boca e quando Natanael vai novamente apontar para a banheira ele bate com a mão na chupeta. Ele faz um movimento em direção à chupeta, como se fosse pegá-la, mas Larissa a protege, ele então continua o que ia fazer e aponta para a banheira falando: " Olha, vai cair tudo. Desce!" Larissa repete o que Natanel disse: "Desce! Desce!" Em seguida ela tenta sentar no sanitário, mas Natanael percebe e não lhe dá espaço. Larissa pergunta: " Deu, Natanael? Deu"? Ele responde: " Vou fazer xixi". Larissa afasta-se e fica observando o amigo. Ela então aproxima-se dele e faz cócegas em seu pescoço e orelha. Ele se abaixa e sorri, depois lhe diz: "Vai cair". Larissa abaixa a cabeça e olha dentro do sanitário e repete as palavras de Natanael: "Vai cair". Na continuidade Natanael diz: "O teu bico". Larissa abaixa a cabeça e diz novamente: " Vai cair". Natanael toca em sua chupeta. Ela sorri e senta no sanitário (Registro em vídeo, 03/07/2001, maternal I).

A relação entre a realidade e a fantasia nas criações infantis é perceptível nesta vivência de Natanael e Larissa. É interessante perceber que não só as falas das crianças demonstram o que elas querem expressar, mas seus olhares, toques, silêncios, gestos. A linguagem corporal entrelaça-se com a oral, a fantasia com a realidade, o desejo com a razão.

Esse encontro apresenta um momento de produção da cultura de pares, de significados que são criados na troca com o outro. O imaginário permitiu que Larissa e Natanael pensassem mil coisas sobre as embalagens que estavam sobre a banheira. Permitiu também que entre a vontade *real* de fazer xixi e a *fantasia* de um bicho que se esconde entre caixas e garrafas eles vivenciassem de forma plena a sua infância.

Para eles, partilhar o banheiro significa tocar-se, sorrir, conversar, enfim, estar com o outro. Aos olhos adultos talvez essa cena compusesse um momento de "bagunça", já que ir ao banheiro acompanhado possibilita diversas vivências que são tidas como inadequadas para esse lugar. No entanto, ao observar as crianças em momentos tidos como pouco importantes dentro da rotina da educação infantil, ou seja, os momentos de educação e cuidado mais voltados para o corpo, é possível visualizar uma série de criações das crianças, que nos indicam a relevância destes momentos no cotidiano pedagógico.

Pensar uma Pedagogia que dê bases para uma educação infantil que respeite as *cem linguagens* das crianças, que confira a elas o direito a ter *cem modos de pensar, de falar, de jogar, de escutar as maravilhas de amar*, enfim, de viver intensamente todas as suas dimensões, em todas as situações do cotidiano educativo da creche, exige um olhar e tratamento de respeito às infâncias das crianças. Compreendendo que a criança não é só produto, mas também criadora de cultura, que ela possui desejos, sonhos, paixões. Que se expressa fundindo sentimento e linguagens, ações e reações, fantasia e realidade.

Nesse sentido, uma questão importante de ser enfatizada é que as crianças não utilizam-se do faz-de-conta, da fantasia, apenas nos momentos pensados para a brincadeira, elas também possuem a dimensão fantasiosa nos demais momentos do cotidiano. Retomando os registros apresentados podemos constatar que nenhuma das situações registradas são momentos planejados para brincadeiras, todas aconteceram em momentos de educação e cuidado mais voltados para o corpo.

Desta forma, ao pensar o espaço educativo das instituições de educação infantil, temos que considerar a importância de se planejar essas situações, de considerar as dimensões infantis também nesses momentos. Como fazer de um banho um momento de vivência da fantasia, de interação; considerar as refeições importantes momentos de troca entre as crianças; a higiene como momentos de se conhecer, de imaginar, ou seja, tem-se que levar em conta que embora uma marca da cultura das crianças seja a presença da fantasia, do imaginário, não podemos considerá-los apenas nos momentos que nós adultos julgamos serem os momentos propícios para isso (situações de brincadeiras livres, ou "direcionadas" pelo professor no parque ou na sala), mas pensar em como possibilitar que as crianças possam expressar essas dimensões da sua cultura nos demais momentos da rotina.

Contudo, a organização das situações para as crianças dependem de uma série de questões: do interesse demonstrado por elas, da localidade onde está situada a instituição, se é urbana, rural, praiana, se tem área externa, se os adultos profissionais conseguem se organizar no sentido de proporem situações variadas para as diferentes demandas das crianças, que materiais têm-se disponíveis e quais são possíveis de se construir, enfim, propiciar espaços de vivência para as culturas infantis, exige um olhar diversificado, que dê conta da heterogeneidade, de conhecer os enredos das vivências infantis, de propor para e

com as crianças, dando a elas a possibilidade da participação e principalmente reconhecendo que educar e cuidar as crianças pequenas compreende desafiá-las, criar possibilidades de se viver o imprevisto, o lúdico, a fantasia e de se expressar em múltiplas linguagens.

Para finalizar, quero enfatizar que este artigo tem por objetivo compartilhar um pouco das discussões que estão postas para a área em relação as criações culturais das crianças, tema que tem se colocado como essencial aos nossos saberes, embora Florestan Fernandes já em 1941 tenha afirmado que as crianças produzem cultura e tenha legitimado os jogos e brincadeiras como a sua maneira de atuar no mundo, temos constantemente buscado demarcar a importância da legitimação das dimensões infantis e da consideração no espaço da educação infantil da vivência plena da infância. Recorrendo a Eduardo Galeano em "A escola do mundo às avessas" defendo que as instituições de educação infantil podem e devem ser um espaço privilegiado de trocas e de vivências intensas das crianças, pois como diz o autor, "dia a dia nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde de cedo como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças".

Referências Bibliográficas

CORSARO, William A. **A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças.** Educação, Sociedade e Culturas, nº 117, 2001, 113-134.

COUTINHO, Ângela M. S. **As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação.** 2002, 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

FARIA, Ana Lúcia G. de. **Educação Pré- escolar e cultura:** para uma pedagogia da educação infantil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo: Cortez, 1999.

FERNANDES, Florestan. **As "Trocinhas" do Bom Retiro.** In: Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Anhambi, p. 153-256, 1961.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA CRIANÇA DA UNIVERSIDADE DO MINHO;
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS DA EDUCAÇÃO DE 0 A 6 ANOS. Projecto de
pesquisa. **Crianças: educação, culturas e cidadania activa**. Florianópolis - Brasil; Braga
- Portugal, 2002 (mimeo).

ITURRA, Raul. **O imaginário das crianças, os silêncios da cultura oral**. Lisboa: Fim do
Século edições, 1997.

OLIVEIRA, Alessandra M. R. de. **Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no
interior da creche**. 2001. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-
graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

OLIVEIRA, Zima de M. R. de. **Jogo de papéis: uma perspectiva para análise do
desenvolvimento humano**. 1988. 221 f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) -
Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PEREIRA, Ângela M. N. M. **A sociedade das crianças A'uwe Xavante: por uma
antropologia da criança**. 1997. 216 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. As crianças e a infância: definindo conceitos,
delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças -
contextos e identidades**. Portugal, Centro de estudos da criança: Editora Bezerra, p.7-30,
1997.

PRADO, Patrícia Dias. **Educação e cultura na creche: um estudo sobre as brincadeiras de
crianças bem pequeninhas em um CEMEI de Campinas/ SP**. 1998. 140 f. Dissertação
(Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas,
Campinas, SP.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. 2000.
209 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de
Campinas, Campinas, SP.

SILVA, Maurício Roberto da. **O assalto à infância no mundo amargo da cana-de-
açúcar onde está o lazer/ lúdico? O gato comeu**. 2000. 352 f. Tese (Doutorado em
Ciências Sociais aplicadas à Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de
Campinas, Campinas, SP.

STRENZEL, Giandréa Reuss. **A educação infantil na produção dos programas de pós-
graduação em educação no Brasil: Indicações pedagógicas das pesquisas para a educação
das crianças de 0 a 3 anos**. 2000. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de
Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Palavras chaves:

Educação infantil, culturas infantis, crianças bem pequenas.